

OS TEMPOS DA TRADUÇÃO – UM PENSAMENTO SOBRE A HERANÇA

Iamni Reche Bezerra (UFPR)

Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR)

Resumo: Esta comunicação pretende discutir a tradução no horizonte da questão do tempo. Comumente reduzida à continuidade dos dizeres emitidos pelo texto original, portanto responsável por uma espécie de sobrevivência desse original em outra língua, a tradução fica submetida à preservação de uma identidade primeira. Tal temporalidade surge pelo viés de uma leitura que buscaria encontrar preservado o “eu” emitido pelo texto original através de sua repetição em outra língua, permanecendo idêntico e contemporâneo a si mesmo. Se há nessa relação original-tradução uma temporalidade da natureza da continuidade, buscamos pensar aqui nas expressões de descontinuidade existentes na tradução – momentos em que ela se encontra desarticulada da lógica da repetição do idêntico. Nesse movimento, passamos a ler na tradução rastros de um tempo a sua maneira distinto, tendo com o original apenas uma de suas possibilidades de relação – mas articulando de forma disseminada relações infinitas de outras ordens: o tempo da tradução no horizonte da sua recepção, o tempo da tradução como obra literária escrita no território da língua de chegada (portanto, também uma obra dessa cultura), etc. Semelhante ao modo como entendemos a tradução, a dupla idade da personagem feminina de *Avalovara* nos aponta a questão das diferentes temporalidades de um mesmo corpo. Ela, “nascida e nascida”, revela a necessária imprecisão da noção de origem, ao mesmo tempo em que exhibe uma herança que é menos da ordem da preservação da identidade do outro em si, e mais algo como uma descontinuidade de si e do outro. Pretendemos, a partir de um trecho desse romance de Osman Lins, refletir acerca da temporalidade da tradução, atividade que conformaria o paradigma da questão do tempo na linguagem, a partir da noção de herança e daquilo que ela exhibe de contemporâneo e extemporâneo.

Palavras-chave: Tradução. Temporalidade. Herança. Alteridade.

Doze anos, seis meses e dois dias. O tempo, a vida, os acontecimentos
(...) Neste centro móvel, impreciso, com imagens que não são

nenhuma imagem definida e dois pares de olhos me escutam como se fossem um só par, ou mesmo um olho, neste centro sondando através de todas as janelas, as janelas próximas, eu, inserida num jogo de espelhos arbitrários, e onde as interações, por incontáveis, tendem para o esférico, vejo-me, vejo os demais, e também vejo a mim mesma no ato de me ver e de ver os que me cercam. Assim, este mundo de janelas abertas sobre inumeráveis segmentos do fluir das coisas e que, por numerosas, evocam a forma esférica, duplica-se, refratado por meu duplo olhar. Duas dilatáveis esferas de salões rodeados de janelas, uns trespassados nos outros, ressoantes, ressoantes dos meus passos, de vozes perdidas, ressoantes também dos meus silêncios e não circunscritos a esses doze anos, seis meses e dois dias: toda a minha existência aí está - e aquele centro móvel, fugidio, que transita de uma sala a outra, como se fosse o centro de gravidade do tempo, é uma das formas - uma forma concreta - do presente, do inapreensível agora. (LINS, 1973, p.194)

É de *Avalovara* (1973) que resgato o trecho com que inicio esta minha comunicação. A inscrição é da personagem feminina cujo nome é um símbolo impronunciável, não sem idade, mas com mais de uma, duas bocas, um par de olhos, dois hímens. Assim, a condição de sua existência, nascida e nascida, dá nome aos capítulos destinados a ela. Começo, portanto, com este trecho do romance de Osman Lins, sem propriamente pretender falar sobre ele, no desenvolvimento do meu texto, mas partindo de um movimento lido nele, tomando o centro móvel de sua falsa estrutura como um operador de pensamento, busco flagrar algo que nos fale acerca das nossas relações com o tempo na tradução e, em especial, com a noção de herança.

Nessa passagem de *Avalovara* vemos as salas, os cenários, exibindo um centro móvel e fugidio não por sermos incapazes de apreendê-lo, enquanto centralidade palpável de uma geografia, mas pela mobilidade do próprio tempo que ali se inscreve a confundir todas as datas e as idades. É a partir dessa perspectiva que poderíamos flagrar em Osman Lins uma construção sensível à contaminação concomitante entre tempo e espaço: não parece haver uma distinção explícita entre eles, mas sim, nomes e as identidades confundidas na vertigem de um devir tempo/espaço.

O quadrado e a espiral parecem portanto serem símbolos de um mesmo mistério. Neles, quase-encontramos a personagem feminina inominada. Ela, que é algo entre duas idades, exhibe sua heterogeneidade – nascida e nascida, o que diz respeito a duas idades, mas também a dois locais de nascimento: locais de origem e tempos de origem, portanto, contaminados. Uma díase, é o mínimo que se pode ter frente a síntese

entre tempo e espaço, afirmou Jacques Derrida em “Ousia e Grammé” (1991). A herança parece nos dizer também algo acerca dessa presença enquanto contaminação: ela simultaneamente preserva uma marca do passado e a transmite para o futuro – uma espécie de encenação do presente e do agora. A herança é algo como uma promessa para o futuro, e portanto, não da ordem da identidade, da presença. É aquilo de antes, de um outro sempre anterior a mim, que me acompanha pela ausência. Aquilo que resistiu à passagem do tempo, ou ainda, aquilo que denuncia a própria passagem do tempo – portanto, da ordem do que permanece.

Essa oportunidade de pensar o tempo na tradução parece ir, de alguma forma, na contramão do pensamento usual de pensar a tradução como uma espacialidade entre duas línguas. De fato, já se observou que as metáforas sobre a tradução costumam privilegiar seu caráter de espacialidade dupla, através de metáforas como a da ponte, da margem, da fronteira - tentativas de representação de um entre. Mesmo quando relacionada a noções como travessia, movimento, é comum que os locais de onde se parte e para onde chegam sejam centrais para essas análises. Tal privilégio do espaço nos remete ao próprio privilégio do ser enquanto nome, substantivo, discussão a que Heidegger se ocupou em *O ser e o tempo* (1988), e retomada por Derrida em diversos momentos, especialmente quando resgata, em *Margens da Filosofia* (1991), a tradição filosófica ocidental que pensou o ser a partir de seu tempo presente (presença).

A leitura de Derrida nos vem a propósito, sobretudo porque a economia da herança parece não caber na centralidade de um nome, mas naquilo que reconhecemos como um devir temporal/espacial, na dimensão que é própria ao espaçamento. A tradução foi entendida, e acredito que possa ser entendida como o nome que se dá a tais entre-lugares fronteirizos, a partir daquilo que aponta no espaço em que se divide. Mas ela é também o nome que se dá a qual tempo?

O tempo percebido na tradução é geralmente um tempo oriundo do texto original, portanto, um tempo continuado, que salva o original de seu desaparecimento, reservando ao original uma espécie de sobrevivência. A tradução, assim, herda um tempo que não é seu, para de alguma maneira preservá-lo em suas linhas, atualizá-lo, sim, mas prevendo a permanência de certa especificidade anterior. O tema da fidelidade, inclusive, se vale da preocupação com este primeiro conteúdo, e sobretudo, com sua manutenção. Aqui, nos surge pontualmente a questão da economia imprópria da

herança, porque ela é também uma descontinuidade no tempo e espaço. Isso porque a tradução nega a si mesma, ao falar pelo outro, mas essa parte que transplanta em si, faz relacionar-se consigo mesma. Como um órgão transplantado¹, talvez um coração, preserva de alguém que não está mais aqui sua carne, mas retrata também uma necessária descontinuidade desta vida anterior, para que se diga “transplante”, ou ainda “relação” ou “alteridade”. O que nos move a pensar na origem da herança.

Se buscamos mapear a herança, flagrar de onde de fato surge, esse retorno à origem nos exhibe apenas seu silêncio, como o animal no poema Galo, de Marcos Siscar (2006): “E quando volta a si, é o bicho? Em seguida, nada, a ciscar, ou o resto apenas, penas. Como quem procurou saber-se em círculo, uróboro, anda, e só encontra indícios. Se restaram-lhe penas no bico, é que gira ainda, revoluto, circunscrito. Do sossego ou da procura, apenas o resto fica.” (SISCAR, 2006, p.35). Os sulcos, os ciscos, esses vão inscritos na superfície da terra, são aquilo com que realmente podemos nos relacionar – os rastros de uma existência errante, pedregulhos de uma origem necessariamente incerta e nebulosa. Assim, o que resiste à busca pela origem é em si mesmo o silêncio – um silêncio não a se desvendar, a que se valha o esforço de força-lo dizer, mas um silêncio da ordem do segredo derridiano, que nada esconde, que se cala por nos exhibir, quando indecifrado, a sua própria decifração. Estamos diante, assim, da falta de representação originária da herança, que se subtrai a esfera do velamento/desvelamento, assim como da esfera de algo que se presentifica como um nome, a quem se deveria certa fidelidade e respeito.

A herança fala da chance de sobrevivida, e portanto se relaciona intimamente com a vida e a morte. Mesmo no código civil, ela exhibe sua face imprópria: negando a ideia de que as leis civis nos regeriam apenas enquanto vivos, a lei da herança estende seus efeitos para depois de nossa morte, nos faz, a revelia de nossa própria vontade, *autores da herança*, nos obriga uma responsabilidade sobre o outro na cena de nossa ausência. É evidente que a herança, nos termos da lei que resgato aqui, pode ser negada por seu sucessor. Mas nesse caso, não há propriamente uma interrupção de seu ciclo, a herança renunciada, negada, (seu ser-fora-de-si imediato) passa ao Estado. Ou seja, sua

1 Jean-Luc Nancy (2006), ao discorrer acerca da experiência do transplante, escreveu: “Meu coração tem vinte anos a menos do que eu, e o resto do meu corpo tem uma dúzia (no mínimo) a mais do que eu. Assim rejuvenescido e envelhecido de uma só vez, não tenho mais idade própria e não tenho mais propriamente uma idade”. Com o nome de *O intruso*, este ensaio abordou as diferentes temporalidades de um mesmo corpo.

negação, como se possível, apenas garante a continuidade ininterrupta de suas leis de passagem e atravessamento de um outro, um herdeiro familiar ou ainda o município. Assim, não há como fugirmos de deixar uma herança, como responsabilidade. Tampouco de negá-la. A herança, portanto, tem uma importante dimensão não-intencional. Ela exhibe, nesse sentido, um futuro impossível porque não delimitado, um futuro que, enquanto promessa, não tem nada de próprio a nos dizer: “único, imprevisível, sem horizonte, não controlável por nenhuma ipseidade (...) que se marca em um “por vir” que, para além do futuro nomeia a vinda do que chega e de quem chega” (DERRIDA, 2003, p.127). Há, portanto, na tradução, uma hereditariedade descontrolada, como quando se herda uma alergia, um sintoma de que o eu está em relação com o algo tão do outro que meu corpo se sente na obrigação de aumentar suas defesas, de se proteger dessa violenta relação dada entre culturas. Herdar uma doença dita genética, é ser obrigado a responder por ela em seu próprio corpo.

Mas poderíamos receber uma herança de nós mesmos? Ou a herança sempre me colocará em relação com o outro? Parece que ambos. Vejamos. O trecho de *Avalovara* com o qual iniciei esta minha reflexão, exibia, como vimos, a dupla idade da personagem inominada. A duplicidade de data e local de nascimento desordena os acontecimento da sua história diacrônica, confunde sua temporalidade, revelando a ausência de contemporaneidade de si consigo mesma. Por ter mais de um local e data de nascimento, ela está desmarcada de sua marca original. Também estamos todos nós, quando por exemplo eu, nascida nos anos noventa, portanto leitora do que chamam de “nosso tempo”, desse nosso século, ao mesmo tempo em que, por nunca ter lido Balzac, sou também uma leitora pré-dezenove: a bonita multiplicidade de nossas experiências de leitura. Estou portanto sensível ao que li e ao que não li, porque me vejo afetada por esses movimentos que me tornam leitura “do meu tempo”, mas também de fora do meu tempo: na minha dupla idade, a inscrição de um contratempo.

A tradução, assim, seria sempre e necessariamente uma relação com o outro, ainda que um outro de si mesmo. Isso porque sua origem é também escorregadia, o texto de partida não se inscreve como uma presença, um nome apreensível e estável – pelo contrário, é apenas com os rastros de um texto anterior que a tradução pode se relacionar. Heterogênea também é a sua idade: nascida e nascida, a tradução herda a idade de um outro, somando-se a hereditariedade de si mesma, rastros de sua língua e cultura. No texto traduzido, enquanto herdeiro dessa língua de chegada, há a reiteração

de elementos da cultura de chegada, sendo a tradução também sensível a sua própria cultura porque se afeta profundamente com essas reiteraões. Assim, a partir de uma perspectiva de extemporaneidade da tradução, podemos discutir o quanto ela, desviada da leitura tradicional de continuidade de um texto anterior, se relacionaria com outros tempos.

A tradução não demanda de um esforço para herdar algo, tampouco para em alguma medida subverter esta herança: são eventos que ocorrem juntamente com o ato de traduzir, inclusive se confundem com o próprio conceito de tradução. O que de fato parece estar em questão é o de uma tendência a um dos polos que, ressaltado, não serão excludentes nem na tradução que preza pela fidelidade, nem no mais subversivo dos trabalhos tradutórios. A tendência à fidelidade, da qual me desvio de refletir sobre aqui, tem sua discussão quase enquanto a autoridade de um viés necessário a toda tradução, como vemos nas generalidades das reflexões dos Estudos da Tradução, assim como do senso comum. Já a tradução que se inscreve a partir de um projeto de subversão da herança, ou seja, daquela que, de algum modo, exhibe sua descontinuidade temporal enquanto continuidade de um texto anterior,

Assim, na perspectiva de sua descontinuidade temporal, a herança parece reverberar uma “consciência do tempo”, a evidência de que algo do passado sobrevive ao futuro, sim, mas especialmente que a tradução possui, para além de sua relação com o original, ela mesma um tempo que lhe é próprio: herdeira daquilo que não pode permanecer com a língua de chegada, mas que essa língua de chegada deixou quando da sua partida. A tradução para uma língua estrangeira é então a evidência dos tempos dessa língua estrangeira, ela mesma confundida por seus espaçamentos. A tradução herda exatamente ali onde estariam todas as justificativas de uma “deserdação por indignidade”, nos termos de um tal código civil. Não necessita de uma disposição testamentária pois o que herda não é propriamente um nome, mas algo sobre a morte e a vida de si e de um outro. A tradução, nessa perspectiva, nunca será a legítima herdeira de um texto original, porque não se refere a uma propriedade. Nascida e nascida porque diferida de si mesma, a tradução assim se desvencilha dessa lei que dita que se faça jus ao herdado, não porque nega a herança (não me parece realmente se tratar de uma negação), mas porque de fato algo se herda exatamente ali onde o texto traduzido se produz como invenção, nada ali permanecerá inalterado porque nada se presta a pura continuidade. Subverter o que se herda, na linha daquilo que busquei discutir aqui,

sugere que a tradução é também o espaçamento. É nesse sentido profanação, porque modifica a parte do outro que recebe em função de sua própria lógica (da língua de chegada). A tradução não pede permissão para herdar, e tampouco lhe seria cedido o direito. Talvez porque seja no impróprio que se herda.

Referências

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Da hospitalidade*. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988.

LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

NANCY, Jean-Luc. *El intruso*. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

SISCAR, Marcos. *O roubo do silêncio*. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, 2006.